

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação

"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

ARTES VISUAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE: PARA QUÊ?

Autores: Daniel Bruno Momoli (UNIARP e SENAC) ¹; Karine Storck (PMPA e PUCRS); Luciana Gruppelli Loponte (PPGEdu/UFRGS)

Resumo: Este texto parte do relato de uma oficina oferecida aos professores no Seminário de Desenvolvimento Acadêmico, em março de 2017, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), de mesmo título. Na atividade, os docentes do ensino superior foram convocados e provocados a pensar de que modo a arte poderia estar, dialogar ou tensionar suas práticas, a partir da proposição de uma experiência que colocou em relação as práticas dos livros de colorir para adultos e o “Diário para descolorir”, trabalho do artista brasileiro Alex Frechette. O exercício proposto aos docentes, além de promover a experimentação e a reflexão, teve como objetivo a aproximação a um trabalho artístico contemporâneo, e, especialmente, aos novos modos de pensamento e relações que a produção artística contemporânea tem nos apresentado. Com o exercício, alargam-se as possibilidades e as relações com a arte no exercício da docência, assim como na formação docente e na própria educação. A arte tem sido pensada como uma potência na formação inicial e continuada de docentes, por desalojar verdades, provocar sentidos, experiências e deslocamentos que possibilitam o exercício de outros modos de exercer a docência. O desenvolvimento e aprofundamento desses estudos vem sendo realizado junto ao ARTEVERSA - Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência (www.ufrgs.br/artevera/), que surge em decorrência de discussões e investigações que tem tido como foco, principalmente, a relação entre arte, experiência estética e formação docente, como as que seguem: “Arte e estética na formação docente” (financiada pelo Edital MCT/CNPq 15/2007), “Arte contemporânea e formação estética para a docência” (financiada pelo Edital MCT/CNPq 14/2010) e “Docência como campo expandido: arte contemporânea e formação estética” (financiada pelo Edital MCT/CNPq 14/2013), coordenadas pela professora Luciana Gruppelli Loponte, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Em comum, as pesquisas têm aprofundado a relação entre arte e docência, apostando na dimensão estética dessa formação, incorporando nessas discussões pressupostos conceituais de autores como Michel Foucault e Friedrich Nietzsche a respeito da relação entre estética e ética, vida como obra de arte, estética da existência, arte e vida. As últimas pesquisas incorporam a discussão sobre arte contemporânea e o pensamento que pode emergir dessas produções para instigar processos de formação docente em qualquer área de conhecimento, além de indagar a respeito de que tipo de formação estética precisaríamos desenvolver em tempos de questionamentos constantes sobre os problemas da educação brasileira, que incluem, sem dúvida, a formação e a qualificação docente.

Palavras-chave: artes visuais; educação; formação docente; estética; formação estética

1 - Arte e formação docente: que relação é esta?

Para que serve a arte na formação dos sujeitos? E mais: para que serve a arte na formação de docentes que não trabalham como professores de arte? Por que \ Para que precisamos de arte na formação?

Em meio a avalanche de desmontes que temos vivenciado na educação brasileira, num retrocesso que parece sem fim à direção de um discurso que por vezes se justifica dizendo privilegiar uma formação utilitarista, cabe, enquanto defendemos (sim, porque ainda precisamos defender, seja lutando pela

¹ danielmomoli@hotmail.com

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação

"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

permanência e/ou pela qualidade do ensino de arte nos currículos), ainda argumentar ou de algum modo dar a ver a importância de algo que em tese “de nada serve” (a arte), considerando a urgência e o instantaneísmo dos tempos atuais.

Foi também com esse intuito que a professora ministrante de uma disciplina chamada “Educação e Artes Visuais”², quando convidada a oferecer uma atividade no Seminário de Desenvolvimento Acadêmico da universidade, propõe aos docentes e técnicos da universidade uma oficina intitulada “Artes visuais na formação docente: para quê?”.

Das 20 vagas oferecidas, 16 foram ocupadas, somente com docentes. Na parte inicial do encontro (que teve 2h de duração), a conversa se deu a partir das expectativas e interesses dos participantes, pois afinal haviam escolhido estar ali dentre tantas outras atividades. Mesmo que de diferentes áreas (história, comunicação, música, arquitetura, pedagogia, educação física...) alguns interesses se repetiam: “eu gostaria de tornar as minhas aulas mais interessantes com o uso das artes”, “eu acho que as artes tem muitas coisas interessantes que podemos usar”. Quando questionados sobre a concepção de arte, apenas uma participante manifestou-se, explicitando a possibilidade da arte (definindo essa como as pinturas, os quadros) como uma ferramenta de representação em suas aulas.

Depois da conversa sobre as expectativas e interesses, iniciou-se um trabalho de aproximação da produção artística contemporânea através da experimentação com desenhos dos livros de colorir para adultos e com o “Diário para descolorir”, produção do artista brasileiro Alex Frechette.³



Figura 01 – Professores do ensino superior participando da oficina “Artes visuais na formação docente: para quê?”, atividade oferecida no Seminário de Desenvolvimento Acadêmico – 2017. Fonte: Arquivo pessoal – Karine Storck.

² Disciplina obrigatória no 2º semestre do curso de Graduação em Pedagogia da PUCRS e oferecida como disciplina eletiva aos demais cursos de graduação.

³ Essa dinâmica de trabalho foi, em sua primeira vez, utilizada com estudantes da Educação de Jovens e Adultos - (EJA) durante as aulas de artes visuais da profª em uma escola na rede municipal de ensino de Porto Alegre em 2015, e posteriormente exposta em uma mesa organizada pelos autores deste texto, intitulada: FORMAÇÃO DE DOCENTES DE ARTES VISUAIS PARA COLORIR: PROCESSOS, POLÍTICAS E EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO - III ENREFAEB - Encontro Regional da FAEB Região Sul - Professores de artes: enfrentamentos políticos e pedagógicos, 2016, Caxias do Sul - RS.

Para ver mais sobre o trabalho de Frechette: <http://coletivocarranca.cc/lancamento-diario-para-descolorir/>

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação

"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

No primeiro exercício, o participante foi convocado a colorir os desenhos retirados de livros de colorir para adultos, atividade recorrente em aulas de artes visuais ou quando se fala em atividades artísticas. No segundo, mais do que colorir, ele é convocado a recriar a cena exposta - seja “descolorindo”, redesenhando e/ou recolorindo. Mais do que habilidades manuais, ele precisa utilizar-se do pensamento, da imaginação, dando um novo fim ao trabalho, sem certo ou errado, sem uma previsibilidade de como esse terminaria.



Figura 02: Trabalho do artista Alex Frechette, que retrata “Professora sendo perseguida no Paraná em 05 de maio de 2015.” Fonte: FRECHETTE, Alex. Diário para descolorir. Rio de Janeiro, editora Circuito, 2015. p.26.



Figura 03: Criação de um participante: “Professora porta bandeira e comissão de frente encantam no carnaval”. Fonte: Arquivo pessoal – Karine Storck.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação

"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

Durante a oficina, os docentes do ensino superior foram convocados e provocados a pensar nas concepções de arte que estariam ali envolvidas e, de que modo a arte poderia estar, dialogar ou tensionar suas práticas. A atividade, além de promover a experimentação e a reflexão, teve como objetivo principal a aproximação a um trabalho artístico contemporâneo, e especialmente aos novos modos de pensamento e relações que a produção artística contemporânea tem nos apresentado.

Com o exercício, alargam-se as possibilidades e as relações com a arte no exercício da docência, assim como na formação docente e na própria educação. A arte tem sido pensada como uma potência na formação inicial e continuada de docentes, por desalojar verdades, provocar sentidos, experiências e deslocamentos que possibilitam o exercício de outros modos de exercer a docência.

2 – O alargamento das relações entre arte e docência

Ao final de uma apresentação de uma atividade semelhante a esta, em agosto de 2016⁴, fomos interpelados com a seguinte pergunta por uma professora: *“onde estava a estética nesta proposição?”*. A pergunta nos deixou inquietos por dois motivos, o primeiro, pelo fato de que o texto estava sendo apresentado em um encontro de professores e pesquisadores da área de ensino de arte; o segundo, pelo entendimento de que a relação entre arte e educação deve permanecer inscrita em um horizonte em que uma possível estética esteja relacionada a noções como perfeição, originalidade, beleza, etc. A pergunta ressoou durante meses, apareceu em vários debates até o momento que fomos encontrando formas de rebatê-la ancorando-nos em referências que acompanham as discussões que temos feitos no **Arteversa: grupo de estudos e pesquisa em arte e docência**, vinculado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Um grupo que tem se dedicado as relações entre arte, experiência estética e formação docente e um movimento de alargamento entre os limites entre arte e docência, arte e educação, arte e formação, apenas para citar alguns exemplos.

Na dilatação que temos realizado destas fronteiras buscamos nos aproximar de um horizonte teórico já tensionado por autores como Pereira (2016) e Hermann (2010), que em suas discussões têm operado com uma noção de estética que amplia os seus limites a partir de um distanciamento que a colocaria isolada em um contexto hermeticamente fechado como uma disciplina filosófica ou apenas como uma teoria da beleza. Ao mesmo tempo, tais autores se propõem a ultrapassar a noção da estética no campo do sensível e da imaginação. Para eles, a estética “se refere ao modo como cada indivíduo se organiza enquanto subjetividade” (PEREIRA, 2016, p.81). Trata-se de uma via que está mais interessada pelo campo da experiência que permite ao sujeito erigir um modo de existência esteticamente contaminado por formas de

⁴ Referência completa na Nota de rodapé nº 3.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação

"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

saber que tendem a jogar o mínimo possível com formas de dominação e assujeitamento. Neste sentido, é entendida como uma possibilidade pautada na experiência como aquela constituidora de uma ação, “de um entregar-se ao objeto associado ao trabalho produtivo e ativo do sujeito” (HERMANN, 2010, p.34) sobre ele mesmo.

Ao alinharmos-nos a tais discussões, desconsiderando a estética como a superficialidade do embelezamento, entendemos-a como uma dimensão capaz de vir a ampliar a nossa sensibilidade moral. E esse plano pode vir a ser capaz de gerar novos modos de integração, a fim de constituir um afastamento do horizonte restrito às teorias da arte a uma aproximação com um modo de existência, com um modo de agir que pode valer-se das possibilidades de interpretação estética. Nesse movimento, o nosso agir passaria a ser orientado a partir de processos de estetização elaborados com regras próprias sem estar submisso a uma única forma de existência. Produzir esteticamente um estilo de vida deixa espaço para uma finalidade ética da educação. A dimensão produtiva dessa abordagem defendida é a possibilidade da reflexão filosófica em “esclarecer pontos nebulosos a respeito daquilo que o cotidiano não segue dos elevados objetivos pedagógicos” (HERMANN, 2005, p.55). O caráter estético do conhecimento leva-nos a construir poeticamente formas de orientação da nossa existência, sem anestesiar as nossas formas de percepção do mundo e da vida, para perceber, nos princípios desviantes, uma ampliação “de nossa sensibilidade para a aplicação de princípios abstratos”.

Esse alargamento entre as fronteiras da arte e da educação nos permite pensar em um entrecruzamento no qual a arte deixa de ser pensada como um conteúdo a ser ensinado ou um saber que vai compor a formação docente como uma “teoria” ou “metodologia” e passa a ser compreendido como uma dimensão da formação. Neste movimento de ultrapassar o limite do conhecido temos buscado constituir formas de docência esteticamente contaminadas, uma *docência artista* (LOPONTE, 2005; LOPONTE, 2013). No bojo de uma docência artista, está o desejo de constituir “estéticas da docência”, marcadamente plurais, contingentes, inconformadas. Uma ideia de docência que persegue um modo de ser docente contaminado por uma atitude estética, uma postura, impregnada pelo pensamento que pode advir da arte. Nela, está em funcionamento uma noção de sujeito contrária à noção moderna marcada pela estabilidade e conscientização. Há um afastamento da noção de sujeito estável e assume uma formação marcada pelas possibilidades de invenção contínua de si mesmo e não pela descoberta da essência ou da consciência que deve ser ativada.

A potência de uma docência artista também nos indica um processo de abertura, para que possamos pensar além dele a respeito da relação entre arte e docência. Não se trata de pensar em uma proposta de ensino de arte, mas sobre como a educação pode aprender com a arte outros modos de fazer-se em qualquer nível de ensino ou área de conhecimento. A força advinda dessa noção está na própria palavra docência,

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação

"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

pois, de acordo com Loponte (2013, p.73), “na palavra docência há um germe de gerúndio, de algo acontecendo, de algo se fazendo continuamente. E é mesmo a partir dessa matéria, flexível e maleável, em contínua criação e recriação, que se constitui uma docência imbuída de uma atitude artista consigo mesma e com o mundo”.

Na ampliação dos limites tanto da arte quanto da docência está o afastamento de algumas noções de educação inscritas em práticas tradicionais como: “Ensino”, “Conhecimento” e “Interpretação”. Ao provocar esse distanciamento, há uma aproximação com outras noções baseadas em aspectos como a construção coletiva de relações de aprendizagens e da arte como uma plataforma de pensamento para a compreensão do mundo:

O ato de educar é um ato de criação que envolve conhecimento e flexibilidade diante de alunos, situações pedagógicas, ambientes escolares, práticas curriculares, em geral não correspondentes a modelos predefinidos ou qualquer manual; do mesmo modo que um ambiente artístico é uma construção coletiva de conhecimento, assim também é o ambiente escolar, o que envolve inclusive uma determinada estética que se materializa nas posições ocupadas por professores e alunos, pela concepção de trabalhos escolares, escolhas curriculares e materiais didáticos; e, por último, o conhecimento sobre arte é mais do que um saber delimitado e de interesse de alguns, ele é uma ferramenta para interpretar, conhecer e reinventar o mundo. (LOPONTE, 2013, p.40-41).

Ao pensar a docência a partir de uma atitude esteticamente contaminada, Loponte (2005; 2013) opera também no alargamento da noção de formação estética que passa a ser pensada sem uma pretensão universal de beleza e sensibilidade na formação de docentes. A “estética, aqui, é entendida de uma forma mais ampla, não se restringindo a algumas atividades artísticas, mas aos modos de vida, à própria existência” (LOPONTE, 2013, p.9). É uma formação que vai se fazendo constantemente, a partir de uma postura investigativa e inventiva que considera a arte não como um plano de pensamento para pensar a complexidade da vida, da docência e da escola. A proposta desloca-se na contramão das expectativas de docentes e alunos de licenciaturas que buscam ansiosamente respostas salvadoras ou métodos eficazes relacionados a “como dar aulas”. Este movimento tem nos levado a percorrer um e caminho em direção a um campo teórico formado pelo pensamento de Michel Foucault a partir de um plano teórico que busca aproximar ética e estética para pensar de outros modos a educação e a docência.

3 - Ética e estética para pensar de outros modos a educação e a docência

Há alguns anos temos trabalhado em pesquisas em educação a partir das interrogações éticas que Foucault faz em seus últimos escritos (LOPONTE, 2005). Levando em conta o profundo estudo do autor a respeito dos processos de subjetividade na Antiguidade, procuramos entender do que pode ser feita uma possível estética de si docente: um diferir-se permanentemente do que se é, um estilo de existência que se materializa vivamente nos escritos do filósofo, tão conectados ao seu próprio modo de viver e a sua

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação

"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

obsessiva busca em direção à relação entre o sujeito e a verdade. Não se trata de pensar na busca de uma identidade ou essência, mas de buscar princípios éticos de ação que configuram o que Foucault identifica como “uma estética da existência”.

As provocações foucaultianas trazem movimento ao pensamento sobre uma possível ético-estética docente, ou no próprio debate sobre formação docente (em arte ou não), que muitas vezes se restringe em perseguir modelos identitários para a docência. Desse modo, pensamos em uma ética, ou em um modo docente de conduzir a si mesmo e suas práticas, que adjetivamos como “artista”. Uma *docência artista* tem pouco a ver com a arte das “obras-primas” ou ainda com um modo “belo e romântico” de conduzir a docência. Assemelha-se mais àquela arte que chamamos hoje de arte contemporânea, avessa a rotulações, legendas definidoras, sentidos fechados, rompendo com fronteiras de materiais, técnicas e temáticas e com a própria figura do artista, como bem podemos ver a diferenciação entre o exercício de colorir e descolorir, narrado na primeira parte deste texto.

A resposta de Foucault em uma célebre entrevista diante da pergunta “que tipo de ética podemos construir hoje em dia” continua ecoando em um pensamento que pretende aliar de um modo menos óbvio as artes aos nossos movimentos e processos de formação docente:

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feita por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida? (FOUCAULT, 1995, p. 261).

Por que a nossa própria vida não poderia ser uma obra de arte? E, continuando a perguntar, por que a docência, pensada como possibilidade de exercício de subjetividades *artistas* não poderia ser uma obra de arte, no sentido mais amplo, conectado a experiências contemporâneas de práticas artísticas, que a expressão pode ter? Dessas inquietações, derivam-se muitas outras investigações, que oferecem uma “coleção de exemplos” que exploram deslocamentos produzidos a partir das possibilidades encontradas na relação entre docência, práticas artísticas contemporâneas e no pensamento de Michel Foucault sobre ética e estética, fortalecendo uma parceria teórica que potencializa a nossa própria capacidade de reinventar a escola e seus processos e políticas de formação, os tornando, de algum modo, “obras de arte”.

Em uma pesquisa com docentes de educação infantil, por exemplo, Kautzmann (2011) fez a proposição de um grupo de formação estética como uma possibilidade de intervenção no campo educacional de “modo a produzir um espaço de problematização e reflexão” a partir da fotografia, instaurando alguma instabilidade que favorecesse o estranhamento e mobilizasse a criação de outros modos de pensar e de atuar com crianças. Em um trabalho com alunas do Curso Normal com idade de 14 a 18 anos, de uma escola de internato, situada no município de Estrela, interior do estado do Rio Grande do Sul, Görgen (2012) gerou encontros com práticas de escritas de cartas, com as artes visuais contemporâneas e com a literatura em

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação

"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

oficinas de formação. Na pesquisa, o interesse estava nas composições entre as alunas e os gestos de escrever, no olhar de outras maneiras a escrita e no favorecimento do pensar sobre si, sobre os outros para deslocar alguns pensamentos produzidos na escola.

A ação de promover deslocamentos na formação também foi uma escolha realizada por Abegg (2013), em uma investigação interessada nos movimentos de formação docente de uma escola pública na região metropolitana de Porto Alegre - RS, especialmente os momentos de ensaios provocados a partir de práticas de jogos teatrais na escola com docentes e discentes. O deslocamento com práticas artísticas também foi um dos motes utilizados por Amaral (2014). A autora, em sua pesquisa, investigou os possíveis deslocamentos na docência no ensino tecnológico, a partir da relação desses docentes com a arte, em especial, as práticas artísticas contemporâneas. A relação com a docência também é feita em investigações realizadas na interface entre a dimensão estética e as práticas pedagógicas, como é o caso da pesquisa desenvolvida por Steffens (2011) que colocou em discussão o modo como estava sendo abordada a leitura em ambientes pedagógicos da EJA, em uma perspectiva de literatura como abertura à experiência estética, assim como a pesquisa realizada por Delavald (2013), que buscava investigar de que modo a experiência com a arte contemporânea poderia contribuir para a formação e enriquecer o processo educativo da pequena infância (4 e 5 anos). O trabalho desenvolvido por Fischer (2013) parte de uma discussão sobre as atividades realizadas em uma escola da rede privada de Porto Alegre - RS, que contempla a arte contemporânea em seu currículo e que convida artistas a construírem esse trabalho em uma parceria que amplia as relações entre arte e educação, criação e ensino.

Os modos de ser docente na escola contemporânea também são tematizados a partir de uma dimensão estética da formação, como, por exemplo, no trabalho desenvolvido por Storck (2015). Nessa pesquisa, as principais materialidades foram as experiências diárias na escola. A escrita da pesquisa constituiu-se como "um lugar para discutir, problematizar, dividir a vivência da escola", a oportunidade de colocar o que inquietava em outro lugar e, com isso, pensar em "como viver na escola, nos meandros da relação entre arte, escola e docência." Na proximidade dessa relação, está também o trabalho desenvolvido por Costa (2015) sobre o tema da avaliação no ensino de artes visuais na Educação Básica. O estudo foi realizado pela autora a partir de publicações sobre ensino de arte, em sua maioria brasileira, excertos de legislações sobre educação e um conjunto de imagens de trabalhos artísticos realizados durante o percurso feito pela autora como aluna da educação básica a fim de enfatizar as presenças e as ausências encontradas na discussão da área. Além disso, há a pesquisa realizada por Bello (2016) que utilizou práticas fotográficas para a criação de *fotodiálogos* entre alunos da cidade de Porto Alegre (Brasil) e Bogotá (Colômbia) em uma ação de troca de narrativas - visuais e escritas - com alunos dos dois países. Na investigação, o autor buscou pensar em outras formas de experiência nos trabalhos realizados com a arte em projetos educativos

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação

"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

produzidos em espaços extracurriculares e nos modos de relacionamento entre professores, alunos a partir do tensionamento entre arte educação.

4 - Que caminhos podemos esboçar a partir destas relações?

No percurso do texto, procuramos evidenciar o lugar de onde falamos e uma possível “utilidade” da arte para a formação docente. Mais do que ilustrar os conteúdos das aulas, está na arte, ou melhor, em uma postura ético-estética para a docência, a questão que propomos a partir de nossas pesquisas ao relacionar arte e formação. Aqui, a arte não está para reafirmar as certezas, mas sim, para com seu potencial criador desalojá-las, e criar novas/outras possibilidades para o exercício da docência frente aos desafios de trabalhar com educação na contemporaneidade. Não se trata de uma técnica, ou de uma metodologia ou de um saber específico a ser dominado, mas, de uma diferença que se produz nos modos de ser de docentes em formação.

O nosso desejo é que práticas artísticas como estas que foram descritas, possam vir a constituir forças de criação, assim como a transformação da cena a partir de um exercício de recriação do “Diário para descolorir” (exposta na segunda composição de imagens do texto). Que sejamos capazes de (des)colorir e (re)criar os nossos modos de ser docente, para que sejamos autores de nossas práticas em direção a subversão da constatação de Foucault (1995) ao perceber a arte em nossa sociedade como “algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida”, para que assim a docência e a própria vida possam ser também “obras de arte” ou que minimamente elas passem a contaminar-se esteticamente por um modo artista de ser.

Referências

- ABEGG, Fabiano Hanauer. **Movimentos formativos na escola**: entre experiências de docência e ensaios de teatro. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- AMARAL, Carla Giane Fonseca do. **Arte e ensino tecnológico**: deslocamentos para pensar a formação docente. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- BELLO, Oscar Yecid Bello. **De la experiencia fotográfica a los espacios extracurriculares**: Otros modos para pensar la educación y el arte entre Brasil y Colombia. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.
- BORN, Patriciane. **Entre a docência e o fazer artístico**: formação e atuação coletiva de professoras artistas. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- COSTA, Vanessa Priscila da. **Avaliação no ensino de artes visuais**: desdobramentos e implicações para a docência. 66f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação

"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

DELAVALD, Carini Cristiana. **A infância no encontro com a arte contemporânea:** potencialidades para a educação. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica.** Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 253-278.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum:** ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. 119p.

KAUTZMANN, Larissa Kovalski. **Poéticas do instante:** fotografia, docência e educação infantil. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Docência artista:** arte, estética de si e subjetividades femininas. 208f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. Arte para a Docência: estética e criação na formação docente. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 21, n. 25, p. 1- 22, Dossiê Formação de professores e práticas culturais: descobertas, enlaces, experimentações, 2013. Disponível em: <http://epaa.asu.edu/ojs/article/view/1145>. Acesso em: 10 mar 2017.

PEREIRA, Marcos Vilella. **Estética da Professoralidade:** um estudo crítico sobre a formação do professor. Editora da UFSM, 2016. 248p.

STEFFENS, Maria do Carmo Hornos. **Literatura como abertura:** experiência estética e formação na EJA. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

STORCK, Karine. **Como viver na escola:** relações entre arte, educação e docência. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.